

DEPENDÊNCIA ECONÔMICA E A CULTURAL EM FURTADO E FAJNZYLBER: REVISÕES E PROPOSIÇÃO DE UMA NOVA AGENDA NO ALVORECER DO SÉCULO XXI

Rafael Gonçalves Gumiero¹

RESUMO

O tema do subdesenvolvimento foi notório principalmente após a Segunda Guerra Mundial e nos anos 1970 intensificaram as formas de acumulação pela inserção das empresas transnacionais e pelo capital financeiro nos países periféricos. Dentro do universo composto pelas interpretações do subdesenvolvimento, o objetivo é analisar a ressignificação de subdesenvolvimento na teoria de Celso Furtado e na tese de Fernando Fajnzylber. Para o balanço desse fenômeno foram selecionadas as categorias de análise realizada em suas produções bibliográficas: a) de formação do subdesenvolvimento na América Latina; b) a dependência econômica; c) a dependência cultural; d) a renovação da concepção de desenvolvimento no século XXI. O diálogo é mobilizado para Furtado sob a ênfase de que a transformação para o desenvolvimento transita do Estado, pela racionalidade do planejamento, para o indivíduo e a cultura como epicentro das transformações e mudanças estruturais. E, para Fajnzylber a concepção de transformação está na função do Estado, elegida como prioritário a concessão da cidadania e educação, como geração de inovações tecnológicas para aperfeiçoar a competitividade dos países no comércio internacional.

Palavras-chave: Dependência cultural; América Latina; Democracia; Competividade; Criatividade.

ECONOMIC AND CULTURAL DEPENDENCE IN FURTADO AND FAJNZYLBER: REVIEWS AND PROPOSING A NEW AGENDA AT THE DAWN OF THE 21ST CENTURY

ABSTRACT

The theme of underdevelopment was notorious mainly after the Second World War and in the 1970s the forms of accumulation intensified through the insertion of transnational companies and financial capital in peripheral countries. Within the universe composed by the interpretations of underdevelopment, the objective is to analyze the reframing of underdevelopment in the theory of Celso Furtado and in the thesis of Fernando Fajnzylber. To assess this phenomenon, the categories of analysis carried out in their bibliographic productions were selected: a) the formation of underdevelopment in Latin America; b) economic dependence; c) cultural dependency; d) the renewal of the concept of development in the 21st century. Dialogue is mobilized for Furtado under the emphasis that the transformation towards development moves from the State, through the rationality of planning, to the individual and culture as the epicenter of structural transformations and changes. And, for Fajnzylber, the concept of transformation is in the role of the State, which

¹ Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Pós-doutor em Sociologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Docente Adjunto na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), atuando no curso de graduação em Ciências Econômicas e Coordenador e Docente do Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Desenvolvimento Regional e Urbano na Amazônia (PPGPAM). E-mail: gumiero84@gmail.com



has chosen to grant citizenship and education as a priority, as the generation of technological innovations to improve the competitiveness of countries in international trade.

Keywords: Cultural dependency; Latin America; Democracy; Competitiveness; Creativity.

JEL: Z13; B52.

1 INTRODUÇÃO

A concepção do subdesenvolvimento sofreu diferentes interpretações no século XX, o que nos permite apontar diferentes teses, que podem ser complementares ou ressignificadas uma em relação à outra, abrindo a ideia de dimensão de diálogos entre os teóricos pela circulação de ideias, a partir da leitura crítica do sistema capitalista e mediadas pelas particularidades da formação e modernização econômica, social e política nos países da periferia.

A teoria do subdesenvolvimento recebeu importantes contribuições no século XX, no qual permitiu identifica-la como uma produção intelectual que foi reverberada dos países centrais para os periféricos e ressignificada de acordo com a estrutura econômica e social dos países da América Latina. Pioneiramente nos anos 1930 e 1940, as teses do subdesenvolvimento foram produzidas pelos teóricos do centro capitalista, como Manoilescu, Rosenstein-Rodan, Gerschenkron e Maldelbaum², autores do leste da Europa, e Perroux na França, que formularam pioneiramente crítica à teoria do *mainstream* da hermenêutica das ciências econômicas, no caso a escola neoclássica, e que propôs dentro dessa área de conhecimento avanços sobre a apreciação do diagnóstico do atraso econômico e para a formulação de uma primeira versão do conceito de subdesenvolvimento.

No final dos anos 1940 e anos 1950, foi preconizada a teoria do subdesenvolvimento produzida na periferia pela Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), sob a batuta de Raúl Prebisch, e posteriormente aprimorada por Celso Furtado, que produziu o diagnóstico do subdesenvolvimento no Brasil, o que permitiu apontar alternativas para a saída desse fenômeno, determinada pela sua Teoria do Desenvolvimento.

O objetivo desse artigo é apresentar os movimentos de ressignificação que o conceito de subdesenvolvimento perpassou no pensamento de dois teóricos latino-

² Ver Manoilescu (1931), *Theoria do Protecionismo e de Permuta Internacional*; Roseinstein-Rodan (1943), *Problems of Industrialization of Eastern and South-Eastern Europe* e (1944) *The International Development of the Economically Backward Areas*; Perroux (1955), *O conceito de Pólos de Crescimento*.

americanos, Celso Furtado e Fernando Fajnzylber, entre as décadas de 1970 e 1980. O conceito de subdesenvolvimento, antes fundamentalmente hegemonizado pela interpretação das ciências econômicas passou a ter uma conotação na dimensão cultural na teoria de Celso Furtado e na tese de Fernando Fajnzylber no período referido. Para realizar o balanço comparativo entre os dois autores supracitados buscou-se analisar em suas produções bibliográficas as seguintes categorias analíticas: a) a formação do subdesenvolvimento na América Latina e o conceito de dependência econômica; b) A reverberação da dependência econômica para a cultural dos países periféricos, como movimento diacrônico; c) A renovação do discurso para ressignificar o desenvolvimento no início do século XXI.

O balanço comparativo entre Furtado e Fajnzylber não foi realizado de maneira aleatória e obedeceu às seguintes justificativas. Celso Furtado possui uma longa trajetória intelectual composta por uma extensa produção bibliográfica somada a posição ocupada como *intelligentsia* na Cepal, em instituições do governo brasileiro como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), a Superintendência de Desenvolvimento para o Nordeste (SUDENE), o Ministério do Planejamento, a Ministério da Cultura, membro da Universidade das Nações Unidas (UNU) e da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento (CMCD), e ocupou assento na Academia Brasileira de Letras. Portanto, é possível dividir essa trajetória intelectual combinada com a sua atuação prática em diferentes fases.

Na interpretação de Cepêda é possível dividir o pensamento de Furtado em diferentes fases: 1. Produção da Teoria do Desenvolvimento; 2. Revisão crítica do mito do Subdesenvolvimento; 3. Autobiográfica. Ao longo da obra furtadiana a evolução do seu pensamento é ressignificada consoante aos eventos ocorridos na ordem mundial que impactaram o Brasil e a América Latina. No artigo *Contextos e funções da democracia no pensamento furtadiano (1944-1964)*”, da referida autora, é aprimorada a divisão do pensamento de Furtado, adicionada a terceira fase, como memorialista da trajetória desenvolvimentista, de Celso Furtado na trilogia de obras autobiográficas: *A fantasia organizada* (1985), *A fantasia desfeita* (1989) e *Os ares do mundo* (1991). E, finalmente a quarta fase, que compreende o período de 1990 a 2004, considerada como a revisão do subdesenvolvimento diante dos novos desafios impostos pelo capitalismo globalizado (CEPÊDA, 2001; CEPÊDA, 2015).

Após o falecimento de Celso Furtado, a curadoria e organização do seu acervo pessoal de documentos, além do da sua biblioteca pessoal, foi cuidadosamente tutelado por Rosa d'Águiar Freire, a sua esposa e viúva. A organização de uma importante coletânea de obras³ re(publicadas) e inéditas apresentou um novo acervo para antigos pesquisadores(as), mas possibilitou apresentar a uma nova geração a herança furtadiana e a prospecção da Teoria do Desenvolvimento confiada a uma nova geração, dentre elas, estudantes de cursos de graduação e pós-graduação das Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas, nos anos 2000.

Adiciono mais uma fase do pensamento furtadiano, além dos elucidados e trabalhados por Cepêda sobre o pensamento de Celso Furtado⁴, de 2004 até a atualidade, em 2021, composta pela sequência de produções de pesquisadores do *mainstream*, mas principalmente da incorporação de novos pesquisadores que desenvolveram monografias, dissertações, teses, livros e artigos sobre o pensamento de Celso Furtado, impulsionados pela nova coletânea organizado e publicado por Rosa de d'Águiar Freire.

Nesse artigo optou em estabelecer como prioridade a segunda fase da sua produção bibliográfica, constituída pela revisão do subdesenvolvimento e a ideia de cultura como eixo nodal para o desenvolvimento. Segundo Rosa d'Águiar Freire (2009) o período de 1970 a 1990 abrange quatro momentos de trajetória intelectual de Celso Furtado em que a ideia de cultura ocupou o centro da sua produção teórica e sua atuação em instituições. Nos anos 1970, Furtado permaneceu como professor da faculdade de economia da Universidade de Paris I e foi convidado para participar

³ A coletânea organizada por Rosa d'Águiar Freire é composta: a) pelas obras inéditas Correspondências Intelectuais, de 2021 e Diários Intermitentes, de 2019; b) pela coletânea organizada por Carlos Brandão, Celso Furtado Essencial, de 2013; c) pelas obras republicadas e versões definitivas Obra autobiográfica. (A fantasia organizada; A fantasia desfeita; Os ares do mundo), 2014; Criatividade e dependência na civilização industrial, de 2008; A economia latino-americana, de 2007; Formação econômica do Brasil, de 2006; e a Edição comemorativa, 50 anos, de 2009; d) os arquivos Celso Furtado formados pelos livros Arquivos 1: Ensaio sobre a Venezuela: o subdesenvolvimento com abundância de divisas; Arquivos 2: Economia do desenvolvimento: curso dado na PUC em 1975; Arquivos 3: A saga da Sudene e o Nordeste; Arquivos 4: O Plano Trienal e o Ministério do Planejamento; Arquivos 5: Ensaio sobre a cultura e o Ministério da Cultura; e, Arquivos 6: Anos de formação 1938-1948.

⁴ Sobre esse aspecto é importante destacar a tese inaugural de Vera Alves Cepêda sobre a função da política no pensamento e na Teoria do Desenvolvimento de Celso Furtado, encontrado em sua dissertação *Raízes do Pensamento Político de Celso Furtado: desenvolvimento, nacionalidade e Estado democrático*.

da UNU⁵, sede em Tóquio. Nos anos 1980, Furtado regressou ao Brasil e ocupou a posição de Ministro da Cultura, no governo Sarney, instituiu a primeira legislação brasileira de incentivos fiscais à cultura, democratizando o acesso à cultura. Nos anos 1990, ingressou na Comissão Mundial da Cultura e Desenvolvimento, iniciativa conjunta da Unesco com a ONU. No início da década de 1990, em um cenário de ampliação das desigualdades sociais e veracidade do alcance da teoria do desenvolvimento, foi formulado o relatório *Our Creative Diversity*, combinou a ideia de cultura com a desenvolvimento, ampliou o horizonte e ampliou o escopo da teoria do desenvolvimento. No final dos anos 1990, Furtado foi convidado a ocupar uma das cadeiras na Academia Brasileira de Letras, e em suas conferências retomou os autores clássicos das ciências sociais brasileira.

A tese de Fernando Fajnzylber ocupou posição de destaque na produção teórica da Cepal, no período de 1970 a 1990, e desempenhou uma função fundamental na renovação da teoria neo-estruturalista. A reestruturação do discurso da Cepal no início dos anos 1990 emparelhou a sua teoria com os eventos desencadeados no mundo, imposta pela globalização e a era das empresas transnacionais. O repertório da produção bibliográfica de Fajnzylber abordou diferentes temas, todos relacionados com a questão do desenvolvimento da América Latina, divididos em: desenvolvimento produtivo e empresarial na América Latina; balanço comparativo de estilos de crescimento, determinados pelas experiências dos países; transformação produtiva com equidade e a educação como o eixo do desenvolvimento.

Segundo Olivos (2012) o pensamento de Fajnzylber pode ser apresentado em quatro fases em relação as temáticas desenvolvidas, de modo que pode ser considerada como sínteses analíticas para a reflexão sobre o escopo teórico do subdesenvolvimento na América Latina. A primeira fase é de 1970 a 1976, denominada pelas pesquisas sobre as estratégias de exportações das manufaturas e das empresas transnacionais na América Latina. A segunda fase é de 1977 a 1991, neste momento Olivos pondera que a linha cronológica temporal está dividida em diferentes segmentos analíticos, tendo como ênfase a análise comparativa entre os países desenvolvidos e emergentes na economia global, dedicando se aos

⁵ A UNU funcionou como uma agência *think-tank* do pensamento mundial e foi composta por pesquisadores que se reuniam em Conferências interdisciplinares.

estudos de trajetórias da Alemanha e o Japão. Nesse período Fajnzylber ocupou o cargo técnico de funcionário da Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (ONUDI), no México, de 1977 a 1983, e posteriormente, regressou para o Chile, onde passou a ocupar cargo técnico na Cepal, de 1984 a 1988. A terceira fase do pensamento deu prosseguimento aos estudos sobre as insuficiências do modelo de industrialização adotado na América Latina em análise comparativa com os casos de sucesso, ressaltando a industrialização truncada e a impossibilidade de gerar progresso técnico autônomo, definiu conceitos importantes como *caja negra* e o síndrome do *casillero vacío*. A quarta fase de 1988 a 1991, atuando na Cepal, formulou uma política de desenvolvimento econômico e social com fundamentos da transformação produtiva com equidade com equidade, e o papel da educação como estratégia neste processo.

A proposta de fazer uma análise comparativa dos conceitos de formação do subdesenvolvimento na América Latina, a dependência econômica, a dependência cultural, a renovação da concepção de desenvolvimento na teoria de Furtado com a tese de Fajnzylber frisou os enfoques: i) o recorte bibliográfico cronológico, nos anos 1970 a 1992, foi realizado em ambas produções desses autores; ii) as agendas de pesquisa dos teóricos se aproximaram por conta dos temas trabalhados, revisão do modelo de desenvolvimento da América Latina, o estudo sobre o modelo de desenvolvimento realizado pelos países desenvolvidos (Estados Unidos, Japão); a era das empresas transnacionais na economia mundial, a dependência econômica e cultural dos países da América Latina, o papel decisivo das políticas educacionais e cultural para o desenvolvimento; iii) ambos ocuparam importantes funções em instituições internacionais nos anos 1970-1992 e atuaram como promotores de políticas de desenvolvimento na América Latina; iv) a ação desses teóricos na prática combinado com a teoria permite classifica-los como *intelligentsia*, ou seja, foram atores que determinaram a ressignificação do conceito de desenvolvimento na América Latina nos anos 1980 e 1990.

As obras selecionadas dos referidos autores no período de 1970 a 1992 foram, as de Furtado, referentes a segunda fase do seu pensamento: *O mito do desenvolvimento econômico*, de 1974; *Criatividade e dependência na civilização industrial*, de 1978; *Cultura e Desenvolvimento em época de crise*, de 1984; e *Brasil a construção interrompida*, de 1992. A seleção da produção bibliográfica de

Fajnzylber foi: *La industrialización Trunca*, de 1983; *Reflexões sobre os limites e potencialidades econômicas da democratização*, de 1986; *Industrialización en América Latina: de la 'caja negra' al 'casillero vacío'*: comparación de patrones contemporáneos de industrialización, de 1990; *Transformación productiva con equidad*, de 1990; *Educación y conocimiento: eje de la transformación productiva con equidad*, de 1992.

A organização do artigo está dividida em quatro tópicos, além da introdução e considerações finais. No primeiro apresenta brevemente algumas notas da metodologia aplicada por Furtado e Fajnzylber nas obras analisadas. No segundo tópico houve a comparação da concepção de formação do subdesenvolvimento na América Latina em Furtado e Fajnzylber. O terceiro tópico se refere aos conceitos de dependência econômica e cultural na obra dos referidos autores. O quarto tópico finaliza a análise de comparativa de ambos os autores pela percepção sobre a noção de desenvolvimento para o século XXI.

2 NOTAS SOBRE A INTERPRETAÇÃO DA DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA E CULTURAL DE FURTADO E FAJNZYLBER

A trajetória das construções teóricas é compreendida como um processo em constante movimento, que seja de circulação de ideias, que envolve a recepção (discussão e debates) e ressignificação (reformulação e adição de novas variáveis) dos conceitos, o que permite a teoria avançar na sistematização e apreciação de novos fenômenos oriundos da complexificação das formas de acumulação de capital e conseqüentemente revisitar o tema do subdesenvolvimento e o analisar sob o enfoque de novas variáveis.

Segundo Rodriguez (2006) há na trajetória intelectual de Celso Furtado um elemento que não o prescindiu no cânone do estruturalismo da Cepal, se trata da cultura como parâmetro para o desenvolvimento. O autor referido compreende que o desenvolvimento implica em acionar a dimensão da cultural, que posiciona a capacidade criativa do indivíduo, por intermédio da geração de inovações. Em Furtado os processos de criatividade e de inovação são cumulativos e integram feixes do sistema da cultura.

No sistema de cultura proposto por Furtado o primeiro âmbito identificado por Rodriguez (2006) é a cultura material, referente aos aspectos econômicos que se

reverbera como um processo duplo de acumulação de capital. As inovações ampliam os excedentes gerados pelo intercâmbio comercial, que proporciona o favorecimento do uso deste recurso para o consumo exacerbado. Concomitantemente, a operação desse processo retroalimenta e moldam um padrão de consumo, propagado no sistema econômico como o hegemônico. O segundo âmbito é o da cultura não material, que é constituído pela criatividade política, geradora de ideias e valores para o avanço de inovações nos planos social e institucional, para solucionar as tensões sociais geradas pelas formas de acumulação material. O terceiro âmbito concerne a cultura não material e está dedicada a formar o sistema da cultural, baseado em ideias e valores que se fundem para a realização de atividades de reflexões filosóficas, criação artísticas e investigações científicas.

A respeito do âmbito da dependência cultural material Bianconi e Coutinho (2019) colaboram ao apreender o conceito excedente econômico e a sua relação com a estrutura social na periferia. O fluxo de capital em economias subdesenvolvidas ocorre de forma desequilibrada entre os setores produtivos, e os dinâmicos mobilizam os excedentes gerados e a estrutura social detentora dos processos de acumulação de capital, identificados pelos empresários industriais, latifundiários e a elite social direcionam esse excedente não para acumulação interna, mas sim para o exterior na importação de bens suntuosos. Para a(o) autor(a) referidos a estrutura social é heterogênea nessas economias e a concentração de renda, a ausência de poupança e problemas em formação de capital inviabilizam a estabilidade do crescimento econômico.

Sobre o âmbito da dependência não material para Bolaño (2021) a dependência é resultante de alguns movimentos desse processo, dos quais as classes sociais são a ponta da lança desse fenômeno deletério do subdesenvolvimento no Brasil. Um primeiro movimento identificado pelo autor supracitado é a ruptura das classes dominantes à cultura pregressa, denominada como barroca, para adesão à cultura dos colonizadores, porém, o povo brasileiro continua com autonomia pela cultura popular, desvencilhada à cultura dominante, consolidada no século XX como cultura nacional popular. O segundo movimento é apreendido no final do século XX por meio da capilarização da indústria transnacional da cultura veiculada pelo oligopólio dos meios de comunicação em

massa do Brasil, cuja modernização da dependência preponderou sob a classe média e foi proeminente na descaracterização da cultura popular. A resistência em Furtado estava na expectativa de conscientização da classe média sobre a importância dos valores culturais de origem popular, que poderia ser a mediação para o exercício do povo pela cultura popular e a democracia direta (em específico na redemocratização) como aliança para o desenvolvimento.

No caso de Fernando Fajnzylber é reconhecido pela contribuição na vertente sobre competitividade sistêmica, com forte lastro no pensamento neoschumpeteriano. A sua contribuição sobre desenvolvimento industrial e inserção internacional pela competitividade, priorizou o preâmbulo crescimento com criatividade pelo núcleo tecnológico endógeno com equidade distributiva, com ênfase na autenticidade produtiva. Na percepção de Suzigan e Fernandes (2004) a interpretação de Fajnzylber fortaleceu os estudos sobre a retomada das discussões de crescimento econômico a longo prazo e novas estratégias de desenvolvimento alinhadas na transformação produtiva e justiça social.

Na interpretação de Bielschowsky (2010), o neoestruturalismo foi consolidado nos anos 1998 a 2008, seguindo a agenda iniciada no início dos anos 1990 por Fajnzylber. O esforço do autor chileno possibilitou demarcar não só a agenda de pesquisas e a reformulação metodológica do campo epistemológico, mas deixar como legado a denominada segunda fase da agenda de pesquisas pautada pela transformação produtiva com equidade. A fase da CEPAL dos anos 1990, houve a ressignificação da metodologia histórico estruturalista pela neoestruturalista. O cabedal teórico da Cepal renova a sua agenda para temas de pesquisa sobre a equidade social e a educação, como poderosos instrumentos para o desenvolvimento e a geração de inovações tecnológicas.

3 A FORMAÇÃO DO SUBDESENVOLVIMENTO E AS DERIVAÇÕES DA DEPENDÊNCIA ECONÔMICA NA AMÉRICA LATINA

O subdesenvolvimento na concepção de Celso Furtado está relacionado ao processo de acumulação de capital, impulsionado pelas inovações tecnológicas gestados pelos países centrais e aplicados na captação de recursos e geração de excedentes em países periféricos, e que concomitantemente caracterizou as

desigualdades econômicas e sociais, sob novos fenômenos no espaço por intermédio das forças de dominação dos países centrais nos periféricos.

O ponto de ignição para a concepção do subdesenvolvimento para Furtado foi a eclosão da I Revolução Industrial propagada pela lógica do sistema centro e periferia, no qual foi montado o quadro das desigualdades interpretado pela análise escalar desses efeitos. As consequências do avanço do capitalismo moderno em países periféricos desarticulam as economias pré-capitalistas e impôs um ritmo de organização produtiva orientada pela demanda do comércio internacional, proveniente dos países centrais. A escala global abrangeu as concepções de desenvolvimento e a de subdesenvolvimento, como dimensões do processo histórico do capitalismo e a ideia de dependência está interligada nesse processo, como forte intensidade no plano econômico e cultural para a permanência das forças de dominação do centro na periferia (FURTADO, 1961; FURTADO, 1992).

O processo de aceleração da acumulação e geração de excedente pelos países centrais se fundamentaram em dois pontos de análise, a partir da I Revolução Industrial. O primeiro foi compreender que as inovações tecnológicas foram direcionadas para intensificar os modos de produção e aceleração da geração de excedentes pelos países detentores desse *know-how*. A propagação desse processo para periferia impôs uma racionalidade do mundo do trabalho, do qual sobrepôs e destruiu as formas senhorial, corporativa e artesanal de organização da produtiva. Esse processo formou o sistema econômico, do qual o local passou a estar integrado ao internacional, pela divisão do trabalho imposto pelas formas modernas de produtividade (FURTADO, 1992).

O segundo ponto foi a formação das relações comerciais condicionadas pela implantação de um sistema de divisão de trabalho inter-regional. Neste enfoque a região é o cerne da análise, do qual houve penetração e absorção por algumas regiões de formas de produtividade alinhadas a industrialização, no qual teceu o ritmo da circulação e fluxo de capitais no mercado nacional, sendo posicionadas como os núcleos de intensificação de acumulação e passou a adotar padrões de consumo modernos. Nas regiões marginalizadas a chegada da modernização foi concebida pela incorporação dos modos de consumo padronizados às do centro, e posteriormente, a industrialização substitutiva foi implantada, mas esteve reguladas pelas leis de mercado, ou seja, do circuito econômico estabelecido pela divisão do

trabalho inter-regional, no qual reforçou as estruturas sociais desiguais existentes, e a abundância da oferta de mão de obra que pressionou para baixo o salário médio da população, pela baixa diversificação produtiva e grande massa de trabalhadores (FURTADO, 1992).

Outro efeito originário da I Revolução Industrial no comércio internacional para os países periférico foi o aumento da produtividade do trabalho e do excedente, que intensificou a acumulação e elevou o padrão de consumo das elites. Para Furtado (1984) a divisão internacional do trabalho permite que os países especializados em exportação de produtos primários ter acesso à modernização tecnológica pela via do acesso do padrão de consumo, mesmo sem núcleos endógenos de inovações de tecnologia para ampliar a produtividade. O processo de modernização dependente inaugurou a utilização do excedente, gerado pela especialização na exportação de produtos primários, para importar modelos de consumo estimulados pela compra de manufaturas destinadas ao consumo.

O distanciamento entre elite e povo será a característica marcante do quadro cultural que emerge nesse período. As elites, como que hipnotizadas, voltam-se para os centros da cultura europeia, de onde brotava o fluxo de bens de consumo que o excedente do comércio exterior permitiria adquirir (FURTADO, 1984, p. 23).

A respeito do processo de intensificação do crescimento econômico com geração de desigualdades regionais no Brasil, faço reminiscência à obra clássica de Furtado, *A Operação Nordeste*, de 1959. Nesse livro o diagnóstico da economia brasileira houve a inserção da industrialização balizada pelo Estado desenvolvimentista no Brasil gerou preferência por investimentos no eixo Centro Sul, ao passo que, em outras regiões do Brasil, como a Nordeste herdou uma economia fragmentada pelo fim do ciclo da cana-de-açúcar e permaneceu estagnada e desarticulada do Brasil. A integração do mercado interno nordestino buscou implementar a industrialização autônoma, porém, a relação inter-regional minou essa alternativa, provocou uma relação de complementação da produção do Nordeste à região Centro-Sul (FURTADO, 1959).

O subdesenvolvimento brasileiro foi interpretado por Furtado como *sui generis*, determinado pelo fenômeno do dualismo estrutural, que emplacou duas dinâmicas econômicas no Brasil, especificamente uma em relação à economia do

Nordeste e a outra em relação ao Centro-Sul, consequência das desigualdades econômicas e sociais e das heranças das suas estruturas e histórico de formação. Enquanto, a economia do Centro-Sul recebeu prioridades nos investimentos do Estado para a industrialização subjacente à estrutura incipiente de indústria de base formulada pelo complexo cafeeiro em São Paulo. No Nordeste, o fim do ciclo da cana de açúcar no final do século XIX determinou o destino da estagnação da economia nordestina submissa à coerção política das elites regionais e da indústria da seca, pouco favorável às mudanças estruturais propostas pela SUDENE (FURTADO, 1959).

O fenômeno da dependência é mais geral que o subdesenvolvimento, toda economia subdesenvolvida é dependente, pois o subdesenvolvimento é originado da dependência. O custo da tecnologia e a aceleração do progresso técnico favoreceu a infiltração de grandes empresas internacionais, propalou a difusão dos novos padrões de consumos surgidos no centro do sistema e intensificou os vínculos de dependência (FURTADO, 1974).

O avanço do subdesenvolvimento no Brasil, como reverberação das formas de dominação do centro capitalista, se desdobrou dos limites da industrialização formulada pelo modelo de *substituição de importações*, propalada como estratégia pelos países latino-americanos. O acesso à inovação tecnológica ficou comprometido por intermédio desta estratégia e resultou em uma industrialização de base realizada com base na imitação. A industrialização brasileira não alterou a organização produtiva, e as inovações tecnológicas foram tomadas por empréstimos pelos processos produtivos imitativos do centro capitalista, e a produção de bens duráveis no Brasil permitiu a ampliação da divisão do trabalho, porém com ausência de inovações tecnológicas, submisso à demanda do mercado externo e à acumulação de capital pelo capital financeiro, na figura das empresas transnacionais. Nesta etapa as consequências da modernização a la *way of life* em países periféricos, potencializou a dependência na dimensão econômica, mas sobretudo na dimensão cultural com os países centrais.

Na obra *Mito do Desenvolvimento*, de 1974, Furtado aborda o conceito de subdesenvolvimento, como resultante da acumulação de capital e propagação desse processo pela financeirização da economia, postas por outras variáveis, como a questão ambiental designada pelo efeito demonstração na assimilação de padrões

de consumo do exterior e o limite dos recursos naturais disponíveis em escala mundial. A dependência ocorre também dos países centrais em relação aos periféricos, estimulada pela demanda por recursos não renováveis, oriundas da extração mineral e agricultura. A hipótese de Furtado contraria a ideia de que o desenvolvimento poderia ser universalizado, pois se todos os países consumissem segundo o padrão dos Estados Unidos, não haveria recursos não renováveis disponíveis para a demanda mundial. A pressão sobre os recursos não renováveis e a agressão ao meio ambiente seriam exponenciais e comprometeria a sustentabilidade ambiental e o sistema econômico mundial entraria em colapso (FURTADO, 1974).

O intercambio entre países centrais e periféricos permaneceu desfavorável aos produtores de produtos primários e a acumulação ficou concentrada no centro, o que constituiu um grupo de países em distintos graus de industrialização. O mercado internacional passou a ser controlado por grupos empresariais, cartelizados em graus diversos. Para Furtado o processo de industrialização nos países periféricos foi condicionado para completar o sistema econômico internacional, e não para formar um sistema econômico nacional autônomo, com características específicas na base de produtividade, por intermédio da expansão das exportações, não acessando a autonomia do processo de acumulação e da criação e aplicação dos avanços tecnológicos. *O que cria a diferença fundamental e dá origem à linha divisória entre desenvolvimento e subdesenvolvimento é a orientação dada à utilização do excedente engendrado pelo incremento de produtividade* (FURTADO, 1974, p. 24 e 25).

Na obra *La Industrialización Trunca da América Latina*, de 1983, de Fajnzylber (1983) o processo de industrialização adotado na América Latina pode ser determinado por algumas importantes caracterizações, que corroboraram para definição de uma industrialização truncada e dependente dos países desenvolvidos. A primeira característica é a estrutura da engenharia industrial, balizada pelo padrão de industrialização dos países avançados, representada pela química e metal mecânica, e a inserção dos hábitos de consumo estrangeiros. A matriz energética do petróleo é a conexão entre o mesmo modelo de produção adotado pelos países da América Latina em relação ao dos países avançados. A industrialização na América Latina se diferenciou em relação aos países avançados, primeiro, pela alta taxa de

crescimento populacional e, segundo, é concentrada grande inversão de capital na região.

A segunda característica da industrialização na América Latina foi a presença do capital exterior, que representou a precariedade do empresariado nacional e de outras forças sociais que contribuíram para definir a política industrial, deixando nas mãos do capital estrangeiro os setores líderes e particularmente aqueles setores que são determinantes para o crescimento do país. A ausência do potencial endógeno para a industrialização na América Latina foi determinada pela implantação das empresas transnacionais e a importação de processos produtivos, e do padrão de consumo difundido pelas empresas transnacionais, que reverbera para a estrutura produtiva nacional desmobilizando as capacidades produtivas inovativas e retirando os processos decisórios dos agentes nacionais e os transferindo para os representantes das frações do capital estrangeiro (FAJNZYLBER, 1983).

Outra característica marcante na análise de Fajnzylber (1983) é em relação aos modelos de protecionismo praticados no Japão, denominado de aprendizagem, e o na América Latina chamado de frívolo. No caso latino-americano o protecionismo se amparou pela reprodução em pequena escala, truncada em seu componente de bens de capital, lideradas por empresas que a longo prazo eram adversas das condições locais e a inovação proveio dos países de origem.

Subjacente a característica referida, a inserção das empresas transnacionais determinou efeitos irreversíveis para a economia e a sociedade latino-americana. A adoção de padrões adotados pela periferia em relação aos países avançados não se limitou ao modelo de indústria e aos hábitos de consumo, mas ao incorporar padrões da engenharia industrial dos países avançados reverberou na periferia na destruição de bens existentes e da inovação tecnológica local, pela nova técnica importada, como um processo de “criação destruidora” de Schumpeter, porém sem gerar novas inovações tecnológicas nos países da América Latina (FAJNZYLBER, 1983).

Em síntese, para Fajnzylber a dependência econômica está relacionada com o déficit gerado pelo setor industrial na periferia: 1) na irracionalidade das estruturas produtivas, via exportação de matérias primas, da agricultura, energia e extração de minérios subjacente ao déficit no setor manufatureiro, devido ao protecionismo frívolo e na precariedade do empresariado industrial nacional; 2) as taxas elevadas de rentabilidade no mercado interno induziram as iniciativas de exportação; 3) o

atraso da indústria de bens de capital e o mimetismo do padrão de consumo e das formas de produção interna dos países desenvolvidos; 4) o fator institucional associado a liderança exercida pelas empresas transnacionais, exercem em seus países de origem superávits comerciais do setor de manufaturas; 5) a contínua e inevitável erosão da competitividade dos produtos exportados do leste asiático, conjugam tecnologia com mão-de-obra barata, afetando o rendimento da economia latino-americana (FAJNZYLBER 1983; FAJNZYLBER 1990).

4 A DEPENDÊNCIA CULTURAL COMO DIACRÔNICA À DEPENDÊNCIA ECONÔMICA NOS PAÍSES PERIFÉRICOS

A interpretação sobre os limites impostos aos países da América Latina para alcançar o desenvolvimento foi fortalecido pela metodologia aplicada por Fajnzylber. O cerne da questão evidenciada pelo autor referido é a de que a industrialização na América Latina não foi capaz de completar o quadro da industrialização com geração de inovações tecnológicas. A expressão *casillero vacío* tem por referência uma matriz em que na vertical consta crescimento e na horizontal consta distribuição de renda. Na América Latina não houve países que simultaneamente foram dinâmicos e tiveram boa distribuição de renda: é o *casillero vacío* ou conjunto vazio nesses países (FAJNZYLBER, 1990).

A metodologia de Fajnzylber (1990) aplicada para análise comparativa dos países é composto por quatro dimensões: 1) o crescimento, dinamismo gerado pelo ritmo de expansão dos países avançados nos últimos vinte anos, 2,4% anuais do PIB por habitante; 2) equidade, composta pela relação entre a renda dos 40% da população de renda mais baixa e os 10% da população com renda mais alta ; 3) competitividade, determinada pela relação entre exportação e importação de manufaturas pela média alcançada no período 1979-1981; 4) o grau de austeridade é resultado do padrão de consumo, composto pela densidade de consumo de automóveis ou bens industrializados.

Para Fajnzylber (1990) o desenvolvimento é a combinação dessas quatro dimensões supracitadas. O autor referido faz a inflexão no paradigma de que o crescimento é o objetivo principal do processo de desenvolvimento e a equidade é causalidade desse movimento de causa e efeito. Nesse raciocínio, a inequidade é resultante do padrão de consumo, das tensões sociais e da escassez de

investimentos que derivam desse fenômeno. Mesmo que em um país apresente ritmo elevado de competitividade, a ausência das outras dimensões coibirá em um sistema de crescimento frágil e esporádico.

La dimensión estrictamente económica no basta para explicar las diferencias observadas en las distintas evoluciones, sobre todo cuando se trata de países de entornos geopolíticos y de universos culturales diferentes, de donde se desprende la necesidad de incorporar al análisis las dimensiones referidas a los procesos históricos y al medio social, político y cultural. En el ámbito estrictamente económico, el encadenamiento entre equidad, austeridad, crecimiento y competitividad parecería explicar el éxito de algunos países. La competitividad refuerza la equidad, legitima la austeridad y apoya el crecimiento, desencadenando los respectivos circuitos autorreforzantes. Cuando faltan algunos de estos elementos el proceso se retrasa o modifica, independientemente de los sistemas socioeconómicos, por falta de transformación en la estructura agraria, excesivo consumo suntuario o usufructo fácil de una renta proveniente de los recursos naturales o de posiciones hegemónicas internacionales. El dinamismo adquiere entonces en algunos casos un carácter esporádico y en otros asintótico al estancamiento (FAJNZYLBER, 1990, p. 152).

O conceito efeito-demonstração mesmo sob outra denominação na interpretação de Fajnzyber representa o grau de austeridade do padrão de consumo, que é posicionado como variável chave para interpretar o processo de dependência dos países periféricos em relação aos centrais.

A dependência econômica está relacionada diretamente com a dependência cultural dos países periféricos dentro do circuito das formas de acumulação de capital, que se assevera para uma forma de dominação estabelecida nesse estágio do capitalismo, determinado pela autonomia das empresas transnacionais, dos países centrais, em formular inovações tecnológicas. Há dois movimentos em curso. O primeiro, relacionada aos países centrais que determinam o fluxo de novos produtos e da elevação dos salários que permite a expansão do consumo de massa. A outra é na periferia, é o fenômeno do mimetismo cultural, uma forma derivada do efeito demonstração, que concentra a renda nas elites e incide nelas o desejo para obter o padrão de consumo dos países centrais (FURTADO, 1974).

Fajnzyber (1990) busca enquadrar o diagnóstico do subdesenvolvimento para o caso dos países da América Latina e em sua análise compactua com a Furtado em relação a inserção do método de política de substituição de importações, que

gerou como um dos seus efeitos o déficit na produção intelectual de inovações tecnológica nas indústrias nacionais. Portanto, uma das linhas que definiu a sua via de desenvolvimento foi a insuficiente incorporação do progresso técnico aliada a uma base de recursos humanos pouco qualificada, consequência de baixos indicadores de educação da população. A ausência de um projeto de desenvolvimento original capacitada para a transformação econômica e social posicionou os países latino-americanos no quadrante vazio, dentro do esquema metodológico constituído pelas matrizes de crescimento econômico combinada com a da equidade, o que não permitiu a eles abrirem a caixa preta do progresso técnico.

A abertura da *caixa negra* não se restringe ao âmbito industrial e empresarial, extrapola o campo econômico e é determinada pela valorização social da imaginação criativa, que é responsável em formular alternativas que deem conta de superar as carências e promover a transformação econômica e social, à reboque da substituição da elite tradicional, inserindo novos valores que sejam disseminados na população (FAJNZYLBBER, 1990).

Na interpretação de Furtado (1974) a natureza do subdesenvolvimento combina dois processos. O primeiro é o de produção, que condiz com a alocação de recursos e gera o excedente adicional e a forma de apropriação dele. O segundo é de circulação, utilização do excedente em novas formas de consumo copiadas de países centrais, e a dependência cultural resultado dessas duas variáveis e que está na base da reprodução das estruturas sociais correspondentes. O termo modernização é reposicionado por Furtado para designar a adoção de padrões de consumo sofisticados, sem transformação no processo de acumulação de capital e nos métodos produtivos.

A importância do processo de modernização, na modelação das economias subdesenvolvidas, só vem à luz plenamente em fase mais avançada quando os respectivos países embarcam no processo de industrialização; mais precisamente, quando se empenham em produzir para o mercado interno aquilo que vinham importando. As primeiras indústrias que se instalam nos países subdesenvolvidos concorrem com a produção artesanal e se destinam a produzir bens, simples destinados à massa da população. Essas indústrias quase não chegam a construir o núcleo de um sistema industrial. É em fase mais avançada, quando se objetiva produzir uma constelação de bens consumidos pelos grupos sociais modernizados, que o problema se coloca. [...] Ao impor a adoção de métodos produtivos com alta densidade de capital, a referida

orientação cria as condições para que os salários reais se mantenham próximos ao nível de subsistência, ou seja, para que a taxa de exploração aumente com a produtividade do trabalho (FURTADO, 1984, p. 81 e 82).

Para Furtado (1974) o comportamento de grupos sociais que se apropriam do excedente é balizado pela situação de dependência cultural e tende a ser agravada pelas desigualdades sociais, devido ao avanço na acumulação. O referido teórico ressalta que a reprodução das formas sociais, no subdesenvolvimento está associada com as formas de comportamento condicionados pela dependência. Os grupos que se apropriam dos excedentes para reproduzir as formas de consumo está balizado pela diversificação do consumo e determina a orientação da tecnologia adotada.

No processo de subdesenvolvimento Fajnzylber (1990) aponta para uma importante questão, a dependência dos países periféricos em relação aos centrais se fortalece pela associação de formas tradicionais de regimes políticos ocupados pela elite tradicional, com os valores e ideias, que são importados de maneira intrínseca aos produtos industrializados ou bens suntuosos. Há ausência de valores, imaginação criativa da população capazes de gerar um projeto de desenvolvimento autenticamente nacional. Complementa Furtado que uma das formas derivadas dessa dependência da periferia em relação ao centro capitalista é a dimensão cultural, que reverbera a partir do efeito demonstração e suprime formas de manifestações de desenvolvimento formuladas pela estrutura histórica econômica e social do país.

A perspectiva política da dependência cultural perpassa pela ausência de democracia nos países da América Latina, no qual esteve presente durante as ditaduras militares nos anos 1960 a 1980, e requer ampliação das alianças sociais para deslocar o centro de gravidade das tomadas de decisões para os setores sociais majoritariamente popular. A coalizão política deve ser encampada pela participação de atores políticos representativos da população, articulados com os movimentos políticos e sociais para o enfrentamento das concepções neoliberais e do autoritarismo das ditaduras nos países latino-americanos. Fajnzylber (1986) reforça que a condição dos países do Cone Sul está limitada a exportadores de recursos naturais e importadores de uma modernização de aparência, que pulveriza a dimensão criativa. Para tanto, a dimensão da criatividade mobiliza importantes

conceitos para o desenvolvimento, como o de eficiência, que é baliza para superar as carências sociais e para a transição para padrões tecnológicos, desvencilhados do mimetismo da engenharia industrial dos países avançados, para a geração de inovações nos países latino-americanos, como estratégia para promover a educação, integração regional e o desenvolvimento cultural.

Furtado (2008) na obra *Criatividade e Dependência*, de 1978, reconheceu que países que entraram tardiamente no processo de modernização industrial ingressaram sob a modalidade de dependência tecnológica dos países que largaram como vanguarda das revoluções industriais. Complementa o autor referido sobre a dificuldade em formar instituições políticas e sindicais democráticas na América Latina, que em sua trajetória de formação houve períodos de populismo e autoritarismo, considerados regime de tutela para os trabalhadores. A criatividade política para Furtado é o disparador para fomentar inovações institucionais a longo prazo, como por exemplo as leis trabalhistas. Concomitante, o teórico aponta a necessidade de atividades culturais e políticas que renovem o programa de desenvolvimento das sociedades dependentes.

Para Furtado (2008) a compreensão dos problemas das economias dependentes requer a utilização da visão histórica e estrutural do capitalismo industrial. O avanço do processo de acumulação e da tecnologia capacitou alguns países da Europa a assumirem formas de dominação externa. A situação de dependência estrutural foi gestada pelo mercado em expansão dos países europeus que se industrializaram e operou como uma válvula de sucção, dando origem a um fluxo crescente de intercâmbio com o exterior. Concomitantemente os países que tiveram acesso ao mercado em expansão da Europa teve a penetração de valores materiais da civilização industrial. O grau de acumulação e os produtos exportados dos países da Europa refletiram o avanço em relação aos países que importaram produtos primários e possuíam baixo grau de acumulação e maior abundância de recursos naturais. O comércio exterior fomentou a especialização produtiva e a divisão do trabalho, ampliou o fosso entre os níveis de acumulação.

5 DI(CON)VERGÊNCIAS NAS INTERPRETAÇÕES DE DESENVOLVIMENTO EM FURTADO E FAJNZYLBER

No documentário *O Longo Amanhecer*, de José Mariani, sobre a cinebiografia de Celso Furtado, é exposto pelo referido autor, que na última década de sua vida, nos anos 1990 e início dos anos 2000, a sua maior preocupação foi retomar a agenda sobre a permanência e os contornos assumidos pelo subdesenvolvimento gerados pela globalização, por intermédio da publicação dos livros: *Brasil: a construção interrompida*, de 1992; *O capitalismo global*, de 1998; *O Longo Amanhecer: reflexões sobre a formação do Brasil*, de 1999; *Em busca de novo modelo: reflexões sobre a crise contemporânea*, de 2002; e, *Raízes do subdesenvolvimento*, de 2003. Essas obras impulsionaram a influência de Furtado nos anos 1990 para uma nova geração de estudantes a retomar a agenda sobre o desenvolvimento no Brasil.

Nos anos 1990, o reposicionamento do tema do subdesenvolvimento por Furtado, avançou na sistematização de ideias e priorizou importantes aspectos do desenvolvimento, para o início o século XXI. Furtado na obra *Brasil: construção interrompida*, de 1992, aconselha a geração futura de pesquisadores(as) seguir uma agenda de pesquisa sobre ideias novas que podem iluminar os caminhos ásperos e espinhosos para superação do subdesenvolvimento: a) a pobreza é a privação dos direitos, usando as terminologias de Amartya Sen, e é necessário habilitar a população a ter acesso a distribuição da renda e ter acesso à moradia; b) ampliar o cânone democrático da participação popular, com novas formas de organização social, capazes de incorporar segmentos da população inertes; c) investir recursos em educação, como peça fundamental para alfabetização e formação de capital humano por intermédio da poupança manuseada pelo governo; d) gerar o hibridismo entre as formas de conhecimento da cultura produtiva e popular com as inovações no campo da biotecnologia do espaço e do território; e) reconstruir o projeto de nação por meio de uma concertação social e político da população.

O prognóstico para a América Latina nos anos 1990 é complementada pelo documento "*Transformación productiva con equidad*", da Cepal, organizado por Fajnzylber, o qual apresenta duas espécies de problemas, os internos e os externos. No plano interno trata-se de aprofundar e consolidar a democracia, a coesão social, a equidade, a participação, em suma a cidadania moderna. No externo, o

aprimoramento da competitividade das empresas nacionais no comércio mundial por intermédio das matérias primas e a busca pelo acesso aos bens e serviços modernos. Nesses países há déficit manufatureiro nos segmentos de maior dinamismo e alto conteúdo tecnológico como bens de capital, indústria química e automotiva (CEPAL, 1990).

O padrão de consumo dos países desenvolvidos, em específico dos Estados Unidos, reproduzido na América Latina pela demanda de produtos industrializados, no uso da plataforma energética petróleo, na comercialização, nas comunicações e no financiamento do consumo, apresenta como limite para sustentar esse padrão de consumo da população dos Estados Unidos e de outros países, a quantidade de recursos naturais disponíveis na natureza (CEPAL, 1990).

Na América Latina o fenômeno de mimetismo do padrão de consumo dos Estados Unidos derivou efeitos deletérios na sociedade. A adaptação da cultura material foi realizada numa velocidade maior no plano da infraestrutura do que no da superestrutura, isto é, dos conhecimentos e das instituições necessários para produzi-los na economia local. O aprendizado de novas técnicas e da valorização da cultura popular nacional foi marginalizada e ocupou o seu lugar a importação de produtos e métodos prontos. Esse é o círculo da dependência estrutural que prende os países da América Latina com os desenvolvidos.

A expansão da produção primário-exportadora pelos países periféricos não exigiu transformações nos métodos produtivos, reforçando o imobilismo das estruturas sociais. O aumento do excedente reforçava o sistema de dominação social, pelo aumento dos gastos de consumo e diversificação pela elevação do nível de vida das elites, subjacente às alianças externas (FURTADO, 2008).

Em Fajnzylber a renovação do prognóstico para o desenvolvimento é descrita no documento da CEPAL *Educación y conocimiento: eje de la transformación productiva con equidad*, de sua autoria, que pode ser conduzido pela articulação produtiva e social interna que amplia os canais de participação na economia internacional. Os eixos da transformação produtiva com equidade de países subdesenvolvidos é a abertura da “caixa preta” do progresso técnico, determinada por políticas públicas promovidas pelo Estado nas áreas de educação e conhecimento (CEPAL, 1996).

A orientação da estratégia, segundo Fajnzylber segue três importantes pontos: i) do ponto de vista político, trata-se de conceber as atividades de produção e difusão de conhecimento como tarefas estratégicas de longo prazo, que requer o comprometimento dos atores sociais com o financiamento para o seu desenvolvimento; ii) do ponto de vista dos conteúdos, trate-se de concentrar nos resultados da educação, da capacitação e da ciência e tecnologia, e em sua articulação com as exigências do desempenho das pessoas, das empresas e das instituições nos diferentes âmbitos da sociedade; iii) do ponto de vista institucional, trata-se de romper o isolamento dos estabelecimentos de ensino e de geração e transmissão de conhecimento e de oferecer oportunidades para a participação dos atores locais no processo decisório (CEPAL, 1996).

O legado de Furtado (1992) é um desafio de superação do subdesenvolvimento na escala global, em outras palavras, é determinar a mudança do curso da civilização, transitando da racionalidade dos meios para acumulação, para uma função do bem estar social da população, desempenhada pela liberdade e cooperação entre os povos. Portanto, Furtado compreende que novas prioridades devem ser incorporadas pela concepção de desenvolvimento, capaz de gerar igualdade e acessos aos direitos para população e o equilíbrio ecológico. A mudança seria convertida pela substituição das formas de consumo de produtos suntuosos pelas minorias, para conceder o direito as necessidades da população e a educação como desenvolvimento das potencialidades humanas.

O meio ambiente é adicionado na concepção de desenvolvimento como urgência, nos anos 1990, e a Conferência do Rio 1992, foi uma oportunidade para congrega a responsabilidade pelos países causadores do custo de degradação do meio ambiente motivado pelo avanço das forças produtivas e aumento da geração do excedente para ampliar a escala produtiva dos países centrais (FURTADO, 1992).

A criatividade é outro aspecto que fundamenta a concepção de desenvolvimento e que é utilizada de forma imprecisa para tal objetivo, atendendo apenas a acumulação econômica e o poder militar pelas inovações tecnológicas. No entanto, o uso da criatividade deve estar direcionado para buscar a felicidade e para a realização das potencialidades dos indivíduos e comunidades de forma solidária (FURTADO, 1992).

Segundo Furtado a cultura é compreendida como estoque ou fluxo de capital. A cultura é compreendida como herança do passado e se assemelha à analogia de estoque de capital de um país, mas se observamos a cultura como criatividade, é considerada um fluxo que permite implementar renovações e rupturas com o passado, no qual remete as possibilidades de superação de estruturas estáticas do subdesenvolvimento e que se intensificam de acordo com o metamorfoseamento da acumulação de capital realizado pela financeirização da economia pelos países desenvolvidos nos países subdesenvolvidos. De modo que para Furtado é imprescindível relacionar o que é considerado estático com a dinâmica, no qual é na função da criatividade que está a ruptura com o passado e a renovação por intermédio da nova geração de jovens economistas.

Furtado (1984) definiu a matriz da dependência econômica e cultural o controle das empresas internacionais na criação de tecnologia, o que concede autonomia a elas delimitarem um padrão de consumo a população. Nos países periféricos a utilização do excedente é definida por conta desta cooptação que é cultural, ao passo que a sociedade civil é reduzida a uma massa de consumidores. A alternativa para superação desta dependência é a modificação das bases sociais de sustentação desse poder. A ampliação da participação efetiva da população em processos políticos pode assegurar a democratização da participação popular na esfera política, especialmente da classe trabalhadora. Para Furtado o atraso está vinculado à dimensão política e não a dimensão econômica.

Quadro 1 – Análise comparativas entre Furtado e Fajnzylber

Categorias/conceitos	Furtado	Fajnzylber
Formação e modernização do subdesenvolvimento	Formação do subdesenvolvimento. Divisão internacional do trabalho; sobreposição da estrutura produtiva moderna na pré-capitalista; dominação política e econômica das formas de acumulação na periferia.	Modernização do subdesenvolvimento pelo mimetismo da engenharia industrial; permanência da matriz energética do petróleo; inserção de padrões de consumo e alta taxa de crescimento demográfico.
Dependência econômica como limites da industrialização substitutiva e efeito demonstração	a) Limites da política de substituição de importações; b) desigualdades regionais e o dualismo estrutural; c) tensões psicossociais.	a) Protecionismo frívolo; b) ausência do potencial endógeno e de inovações tecnológicas; c) criação destruidora – de bens existentes e das técnicas de inovação tecnológica local.

Dependência cultural como incorporação da civilização industrial moderna na periferia	a) Mimetismo cultural pela apropriação do excedente pelas elites e uso dele para o consumo; b) a ausência de criatividade política impede que exista inovações institucionais e direitos; c) forma de dominação política do centro na periferia pela inserção dos valores materiais da civilização industrial.	a) <i>Casillero vacío</i> ou conjunto vazio – ausência de crescimento econômico com equidade social (baixos indicadores de educação) e inovações tecnológicas; b) associação de formas tradicionais de regimes políticos pelas elites tradicionais, pela transposição de ideias e valores; c) há ausência de imaginação criativa pela população.
A renovação da agenda do Desenvolvimento	a) Agenda social e política do desenvolvimento; b) uma nova civilização formada pelos valores endógenos; c) cultural como estoque de capital aliada à criatividade como dinâmica; d) o legado para nova geração.	a) Democracia e equidade com competitividade; b) transformação produtiva com equidade; c) educação como o eixo para o desenvolvimento e geração de inovações tecnológicas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trajetórias intelectuais de Furtado e Fajnzylber podem ser analisadas pela perspectiva cronológica do tempo, considerando as datas de publicações das suas respectivas obras abordadas neste artigo. Evidentemente, que essa relação sincrônica, é um caminho tangível de análise, porém, há outras, possibilitadas pela perspectiva acrônico, ou seja, o desenvolvimento dos conceitos com intersecções temporais, considerando a abrangência e ressignificação teórica. Nesse artigo, buscou tratar do diálogo entre esses autores, pelo prisma sincrônico, porém com ênfase acrônico para análise dos conceitos propalados pelas noções de modernização do subdesenvolvimento, dependência econômica e cultural e renovação da agenda do desenvolvimento.

A ideia de diálogo entre esses teóricos partilha do ponto de partida em comum, a adoção da metodologia histórico estruturalista, como fundamento para desenvolvimento das análises empíricas, lastreadas pelos conceitos que dão vida à interpretação do subdesenvolvimento na América Latina. Para Furtado o conceito de desenvolvimento, é a priori fortalecida pela perspectiva de atuação do Estado na sociedade, pela racionalidade do planejamento, e transita para a compreensão que é pelo movimento do indivíduo por intermédio da cultura e a ação coletiva, pelo

mobilização para a ampliação das arenas participativas de tomadas de decisões, o epicentro das transformações e mudanças estruturais.

E, para Fajnzylber a concepção de transformação está na função do Estado designada pelos investimentos na engenharia industrial aninhada à intensificação da educação para geração de inovações tecnológicas, alinhada às leis do mercado designadas pelo aperfeiçoamento da competitividade no comércio internacional entre os agentes produtivos, e posteriormente, o retorno para a sociedade civil.

Há convergência entre as interpretações de Furtado e Fajnzylber sobre os limites do processo de industrialização para superação do subdesenvolvimento na América Latina. Porém para Furtado a dependência econômica e cultural impactou na base material e imaterial da sociedade, de modo que as tensões psicossociais foram incisivas no campo cultural ao gerar a liquidação dos meios produtivos da população local e principalmente ao sobrepôr a importação de padrões de consumo, oriundo do efeito demonstração nas elites e posteriormente propagada pela popularização do consumo em massa para a população, sem distribuição de renda e direitos sociais e políticas.

O modelo de desenvolvimento implementado pelas políticas de substituição de importações de produtos industrializado solapou o desenvolvimento pelo núcleo endógeno dos territórios e a acumulação de capitais ficou restrita às empresas transnacionais e as elites locais dos países periféricos, retroalimentando esse ciclo pelo uso do excedente em consumo de bens suntuosos. A ilusão do desenvolvimento via industrialização e consumo ao modo *american way of life* foi identificada como uma falácia por Furtado, ao relacionar o padrão de consumo mobilizado pelos países centrais como insustentáveis a longo prazo pelos países periféricos, devido à quantidade finita de recursos naturais e pela homogeneização produtiva no circuito da divisão do trabalho e na hegemonia gerada pela cultura do consumo.

Para Furtado a superação da dependência econômica e cultural do subdesenvolvimento seria realizada pelo choque provocado pela cultura ao instaurar uma nova racionalidade, mobilizada pelo *ethos* da civilização balizada pelas especificidades estruturais do país. Em outras palavras, o desenvolvimento seria formulado pelas bases culturais endógeno e a ampliação do cânone

democrática seria formulado pelas novas formas de organização de processos deliberativos participativos da população.

Na concepção Fajnzylber a renovação do discurso da Cepal manteve importantes bases fundamentais, como a ação do Estado na sociedade e a incorporação do progresso tecnológico como alternativa para superação da pobreza, mas desta vez, articulada o seu núcleo produtivo endógeno pela inserção internacional dos países da América Latina na competitividade capitalista. Ampliou o cânone teórico da Cepal, ao reposicionar como prioritário a função da cidadania e educação, como canais para o desenvolvimento e geração de sinapses para as inovações tecnológicas, antes muito concentrada na dimensão de investimentos do Estado na economia. A elevação das inovações e da produtividade proporciona a distribuição de renda através do crescimento econômico potencializando os seguintes pontos desse sistema: competitividade autêntica, inserção internacional, articulação produtiva e papel dinâmico dos agentes. O tratamento de cada um destes elementos está inter-relacionado com os demais sendo a geração e difusão do progresso técnico a centelha deste processo que apresenta organicidade propícia ao alcance da transformação produtiva com equidade.

A revisão do subdesenvolvimento segundo as contribuições de Furtado e Fajnzylber permitiu apontar como novidade a inserção no repertório da teoria econômica da dimensão social e cultural, que combinada com os subsídios teóricos das décadas anteriores possibilitaram compreender a complexidade do subdesenvolvimento. Esse fenômeno mantém as estruturas e formas de dominação presas ao sistema político autoritário e concentrador de renda da periferia, aliado à sua filiação de maneira subalterna ao capital financeiro, que emplaca e amplia a acumulação de capital sob novas dinâmicas gestadas pelo capitalismo, ampliando o quadro de desigualdades econômicas e sociais entre países centrais e os periféricos.

REFERÊNCIAS

BIANCONI, R.; COUTINHO, M. O desenvolvimento como processo de mudança cultural: as conexões entre excedente e estruturas sociais na visão de Celso Furtado. **Nova Economia** (UFMG), v. 29, p. 1141-1169, 2019.

BIELSCHOWSKY, R. **Sesenta años de la CEPAL: textos seleccionados del decenio 1998-2008**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

BOLAÑO, César. Celso Furtado e a antropologia: notas para o diálogo entre economia política e estudos culturais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil**, n. 78, p. 223-239, abr. 2021.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE (CEPAL). **Transformación productiva con equidade**. Santiago: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), 1990.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE (CEPAL). **Educación y conocimiento**: eje de la transformación productiva con equidad Cepal – UNESCO. UNESCO: Lima, mar. 1996.

CÊPEDA, Vera Alves. O Pensamento político de Celso Furtado: desenvolvimento e democracia. In: PEREIRA, L. C. B. (Org.). **A grande esperança em celso furtado**: ensaios em homenagem aos seus 80 anos. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. Contextos e funções da democracia no pensamento furtadiano - 1944-1964. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, Unesp, Araraquara, v. 46, p. 187-215, 2015.

FAJNZYLBER, Fernando. **La Industrialización trunca de América Latina**. México, D.F: Centro de Economía Transnacional/Editorial Nueva Imagen, 1983.

_____. Reflexões sobre os limites e potencialidades econômicas da democratização. **Revista de Economia Política**, v. 6, n. 1, jan./abr. 1986.

_____. **Industrialization in Latin America**: from the "black box" to the "empty box": a comparison of contemporary industrialization patterns. Santiago: United Nations, Economic Commission for Latin America and the Caribbean, 1990. (Cuadernos de la CEPAL ; 60).

FURTADO, Celso. **A operação nordeste**. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1959.

_____. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1963.

_____. **O mito do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

_____. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

_____. **Brasil**: a construção interrompida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Criatividade e dependência na civilização industrial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. Ensaio sobre cultura e o Ministério da Cultura. In: FREIRE, Rosa d'Aguiar (Org.). Rio de Janeiro, RJ: Contraponto. **Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento**, 2012.

PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas [Manifesto Latino-Americano]. In: GURRIERI, A. (Org.) **O Manifesto dos Periféricos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Contraponto, Centro Celso Furtado, 2011.

RODRÍGUEZ, Octavio. Furtado y la renovación de la agenda del desarrollo. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 177-211, 2006.

SUZIGAN, Wilson e FERNANDES, Suzana C. Competitividade sistêmica: a contribuição de Fernando Fajnzylber. **Revista História Econômica e História de Empresas**, v. 2, 2004.

TORRES, M. (org.). **Fernando Fajnzylber – una visión renovadora del desarrollo de América Latina**. Santiago de Chile: CEPAL, 2006.